

Proporção de católicos no Brasil pára de cair, informa FGV

(Não Assinado)

02 de maio de 2007 - 20:55

O estudo se baseou na análise do conjunto de variáveis socioeconômicas dos últimos censos demográficos; de 2000 a 2003, católicos mantém mesmo patamar e evangélicos crescem

Reuters

RIO - Quando o papa Bento XVI chegar ao Brasil, neste mês, receberá uma boa notícia, segundo um estudo divulgado nesta quarta-feira, 2: o percentual de católicos entre a população do País, decaindo desde que há registros, se estabilizou com o novo milênio.

"É uma surpresa para a própria Igreja, porque os dados do Vaticano, os dados que estavam circulando, tinham uma visão mais pessimista sobre a taxa de católicos no Brasil", disse o economista Marcelo Néri, coordenador do trabalho. O estudo se baseou na análise do conjunto de variáveis socioeconômicas dos últimos censos demográficos.

Segundo dados esses dados socioeconômicos, o percentual de brasileiros católicos vinha diminuindo desde o primeiro registro censitário no País, em 1872, e de forma acelerada na década de 1990, quando o retrocesso foi de um ponto percentual anual.

Em 1872, 99,72% dos brasileiros eram considerados católicos, taxa que caiu para 82,24% em 1991, quando a queda se acelerou para chegar a 73,89% em 2000. "Era (na década de 1990) uma queda de um ponto percentual por ano, uma queda em aceleração", disse Néri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Mas o estudo "Economia das Religiões: mudanças recentes" mostrou que a porcentagem de católicos no Brasil se estabilizou com o novo milênio e em 2003, último ano sobre o qual há dados, a taxa alcançou 73,79% da população.

"O que o estudo mostra é essa estabilidade (da porcentagem de católicos no país) de 2000 a 2003, que nos surpreendeu", disse Néri em entrevista coletiva. O retrocesso da religião católica na década de 1990 se registrou por causa de um crescimento dos crentes evangélicos, que de 9% em 1991 passaram a constituir 16,2% da população em 2000.

Evangélicos crescem

O estudo também mostrou que nos três primeiros anos do novo milênio os evangélicos continuaram crescendo, alcançando 17,9% em 2003. No entanto, à diferença do ocorrido nas últimas décadas, as igrejas evangélicas se nutriram de não religiosos, em lugar de católicos arrendidos.

"O que caiu (entre 2000 e 2003) foram basicamente os sem religião, que eram 7,4% em 2000 e 5,1% em 2003, exatamente o mesmo nível de 1991", disse Néri. "Basicamente, a história é a substituição dos sem religião por evangélicos, pentecostais e tradicionais", acrescentou.

Algumas das razões para a redução na queda do catolicismo no Brasil poderiam ser a maior estabilidade econômica do País e melhor distribuição de renda para os mais pobres, entre os quais essa religião tem maior penetração, disse Néri. A globalização também poderia ter incidido, já que a Igreja Católica tem uma difusão mundial.

O estudo, baseado em censos oficiais de 2002 e 2003, também indicou que os católicos, sendo 73,8% da população, apenas contribuem com 30,9% das doações feitas às igrejas.

Já os pentecostais, que constituem 12,5% da população, contribuem com 44% do total de doações, e os evangélicos tradicionais, 22,7%. Também os evangélicos, em geral, têm 3,7 vezes mais pastores que o conjunto de padres, freiras e outros religiosos católicos. Segundo o estudo, existem 17,9 vezes mais pastores evangélicos por cada fiel que padres católicos.

Algumas das razões para essa diferença, afirmou Néri, podem ser o celibato a que estão obrigados os sacerdotes católicos e ao fato de deverem dedicar cerca de nove anos para se formar, enquanto um pastor evangélico o faz ao final de meses./td>